

Informe Trimestral - Junho 2025

ALOCAÇÃO

Segmento	Retorno no ano	Percentual do CDI
Renda Fixa	6,60%	102,98%
Renda Variável	18,18%	283,65%
Multimercados	8,64%	134,81%
Investimento no Exterior	4,73%	73,80%
Fundos em Participações	6,73%	105,01%
Imobiliários	8,21%	128,10%
Cota BASF	6,99%	109,13%

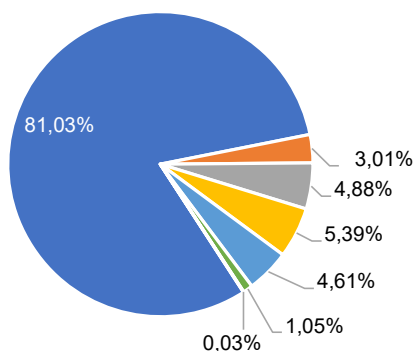
INDICADORES

Indicadores	Até Jun/2025	Perspectiva 2025*
SELIC	15,00%	15,00%
IPCA	2,99%	5,17%
Dólar	R\$ 5,46	R\$ 5,65

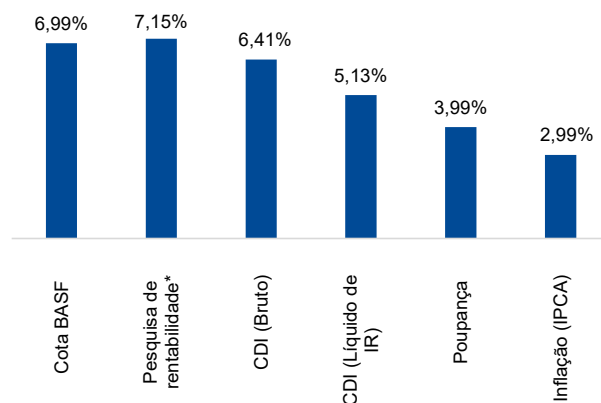
*Fonte: Relatório Focus, BACEN, base 27/06/2025.

Composição Patrimonial R\$ 2,257 Bi.

- Renda Fixa
- Renda Variável
- Multimercados
- Exterior
- FIP
- Imobiliários
- Outros



Retorno Acumulado em 2025



* Pesquisa realizada por uma consultoria com outras Entidades Fechadas de Previdência Complementar, demonstrando a mediana das fundações no período.

COMENTÁRIO

O ano de 2025 chega à sua metade marcado por incertezas, seja pela reconfiguração geopolítica, políticas econômicas, alterações no ambiente comercial e, consequentemente, pela maior volatilidade dos ativos em escala global. A incerteza em relação à nova política tarifária dos Estados Unidos trouxe tensões comerciais aos países, especialmente à China. Na geopolítica, as tensões no Oriente Médio, escaladas em junho, trouxeram impacto direto nos preços de energia. No Brasil, o destaque fica para a reversão do pessimismo observado ao final de 2024.

Em 2 de abril, no que ficou conhecido como *Liberation Day*, Donald Trump apresentou uma tarifa base de 10% sobre todas as importações dos EUA, acompanhada de sobretaxas “recíprocas” aos países com os quais os americanos registram os maiores déficits comerciais. A China, por sua vez, foi o único grande parceiro a retaliar, escalando a guerra tarifária entre os países até a impressionante alíquota de 145% por parte dos americanos, o que essencialmente significava um embargo comercial entre as duas nações.

O embate entre as potências causou fortes quedas nos mercados, com os principais índices registrando suas piores sequências de perdas desde a pandemia. O S&P 500 (índice de ações das maiores empresas americanas) teve uma queda de valor de mercado da ordem de US\$ 5 trilhões em um intervalo de dois dias. O estrago foi amenizado pelo anúncio de Trump de uma trégua de 90 dias para negociação de novos acordos comerciais.

Além das tensões comerciais, destaca-se o pacote fiscal dos EUA, que inclui redução de impostos, cortes em programas sociais e de US\$ 350 bilhões destinados à segurança nacional, aumentando a percepção de risco fiscal na maior potência global. O Senado aprovou o pacote, que deve retornar à Câmara dos Deputados, onde será novamente debatido, mas é visto com forte ceticismo pelo mercado, dado que ampliará o déficit do país.

O dólar vem sentindo os efeitos dos questionamentos ao “excepcionalismo” americano, com seu pior começo de ano em mais de cinco décadas, caindo cerca de 10%. O euro tem se valorizado de forma consistente frente à moeda americana, e os mercados emergentes também registram forte desempenho, na busca por alternativas à concentração excessiva de capital nos EUA.

No âmbito geopolítico, ao final do segundo trimestre, as tensões aumentaram no Oriente Médio, com Israel realizando ataques coordenados ao território do Irã, sob a justificativa de neutralizar o programa nuclear do país. Os Estados Unidos se envolveram diretamente, conduzindo bombardeios às instalações nucleares conhecidas do Irã, conseguindo mediar um cessar-fogo — ainda que momentâneo — entre os países.

No Brasil, o ano tem sido marcado pela reversão do quadro de pessimismo observado ao final de 2024. Os dados apontam para uma desaceleração da atividade, em razão dos efeitos da política monetária mais restritiva, com a Selic em seu maior patamar desde 2006. A inflação vem apresentando leituras mais benignas, apesar de um mercado de trabalho que continua forte, com queda no desemprego e expansão da renda.

Na política fiscal, o quadro continua instável, com o governo editando decreto para elevação do IOF com o objetivo de atingir sua meta fiscal, sendo prontamente rejeitado pelo Congresso, que exigiu redução de despesas antes da criação de novos tributos. O governo recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) para garantir a validade do decreto, o que evidencia certo desgaste entre os poderes.

A rotação de capital para os países emergentes vem favorecendo o Brasil, com a entrada de mais de R\$ 25 bilhões no ano. Com isso, o real tem se valorizado frente ao dólar, trazendo certo alívio inflacionário e maior apetite por risco na primeira metade do ano. O trimestre fecha com forte apreciação dos ativos locais, justificada mais pelo fluxo positivo de investidores globais do que por uma melhora nos fundamentos macroeconômicos ou queda nos juros no curto prazo.

No ambiente externo, a equipe de Investimentos da BASF Previdência segue atenta para a condução da política econômica do governo Trump, com seus efeitos inflacionários nos principais blocos econômicos. Localmente, destaca-se a observação da efetividade da política monetária restritiva sobre a atividade, escalada das tensões entre os poderes e os efeitos da política externa do governo Trump no país.